

Desenvolvimento de Sociedade Rural na Serra do Sudeste (Metade Sul/RS): um Olhar Sobre o Comportamento Coletivo

Marco Antônio Verardi Fialho¹

Resumo

Este trabalho trata do processo de desenvolvimento de uma localidade rural do município de Canguçu/RS (Metade Sul) a partir da compreensão da complexidade do contexto das relações sociais às quais está integrada. As pessoas da localidade, na grande maioria, caracterizam-se pela miscigenação entre descendentes de portugueses, índios, negros e espanhóis, pela agricultura de base familiar e pelos estigmas atribuídos à origem étnica. O objetivo deste estudo foi analisar o processo de desenvolvimento dessa sociedade rural a partir da observação e compreensão do comportamento humano em interação no tempo e no espaço, procurando percebê-la como coletividade (sociedade local) em contínua relação com o ambiente, num processo aberto e interdependente. Para a sua realização utilizamos tanto a pesquisa bibliográfica e fontes secundárias como observações e entrevistas abertas em pesquisa de campo. Como resultado: a) a construção de identidades está relacionada com os diferenciais de poderes, qualificando ou desqualificando grupos sociais no imaginário social; b) a atribuição de estigmas a grupos sociais inferiorizados produz, na psique destes, *mecanismos* que impõem limites ao desenvolvimento social.

Palavras-chave: Sociedades rurais tradicionais. Comportamento coletivo. Pobreza rural. Desenvolvimento local.

Abstract

This work deals with the development process of an agricultural locality of the city of Canguçu/RS (South Half) from the understanding of the complexity of the context of the social relations which is integrated. The people of the locality, in the great majority, characterize themselves for the miscegenation between descendants of Portuguese, indians, blacks and Spaniard, for the agriculture of familiar base and the stigmata attributed to the ethnic origin. The objective of this study was to analyze the process of development of this agricultural society from the comment and understanding of the human behavior in interaction in the time and the space, looking for to perceive it as collective (local society) in continuous relation with the environment, in an open and interdependent process. For its accomplishment we in such a way use of the bibliographical research and secondary sources, as of comments and interviews opened in field research. As result: the construction of identities is related with the differentials of being able, characterizing or disqualifying social groups in imaginary the social one; b) the attribution of stigmata the subordinates social groups produces, in psique of these, mechanisms that impose limits to the social development.

Keywords: Traditional rural societies. Collective behavior. Rural poverty. Local development.

¹ Economista, mestre em Economia Rural (UFRGS) e doutor em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ) – E-mail: marcoavf@hotmail.com

Introdução

Este estudo circula, de forma mais ou menos livre, por orientações disciplinares da Sociologia, Antropologia e Psicologia Social (*psicologia dos povos*), não desprezando outras, como Economia, Geografia e História. Empenhamo-nos em compreender e explicar o processo de desenvolvimento da sociedade rural do Rincão dos Marques – Canguçu/RS, mediante a análise do comportamento humano em interação no tempo e no espaço, entendendo a sociedade como coletividade, num processo aberto e interdependente, em contínua relação com o ambiente representado por um conjunto de elementos materiais, culturais, psicológicos e morais inter-relacionados. Ao decidirmos estudar o processo de desenvolvimento dessa sociedade, tínhamos como uma das fontes inspiradora as políticas públicas de combate à pobreza rural.²

Como antecedentes Rocha (2003, p. 237-240), tendo como fonte dados do IBGE (Pnad – tabulações especiais), informa que 17,35% da população total do Rio Grande do Sul era considerada pobre em 2001; parcela distribuída, nos estratos urbano e rural, nas proporções de 16,53% e 21,42%, respectivamente. As áreas rurais de pobreza estão localizadas predominantemente na região denominada de Metade Sul, identificada, no debate político estadual, pela dificuldade de desenvolvimento, fruto de inúmeros aspectos historicamente recorrentes. Dentre essas áreas de pobreza destacamos a Serra do Sudeste, por apresentar modesto desempenho relativo ao *Índice de Desenvolvimento Social* – IDS (FEE, 1995) e expressivo número de pequenas propriedades rurais com restrita disponibilidade de meios de produção, como no caso do município de Canguçu.

A pobreza rural é uma questão histórica, envolvendo índios, negros e mestiços, fruto da miscigenação que marcou a formação da sociedade brasileira. Wanderley (1997, p. 100-101) destaca duas marcas estruturais geradoras dos problemas sociais do mundo rural: a propriedade da

² Como fonte de inspiração, este tema não será, propriamente dito, discutido neste trabalho.

terra sob a forma de latifúndio e a dominação *oligárquico-patrimonialista*, ainda presente de modo tradicional ou integrada no processo de modernização conservadora.

A pobreza de modo geral está se acentuando, problemas sociais inerentes vêm *sufocando* a sociedade, transformando-se, a cada dia, numa questão difícil de reverter ou, pelo menos, de administrar. Discursos e ações políticas parecem em direções diferentes, governantes céticos quanto às soluções. As ações, na maioria dos casos, não passam de medidas paliativas e localizadas, impedindo políticas de transformação. Conforme Salama e Destremau (2001, p. 18), “(...) finos conhecedores da pobreza *no papel* são incapazes de compreendê-la na vida cotidiana e, chamados à responsabilidade, (...) preconizam políticas no mínimo inadequadas.” Por sua vez, famílias pobres que substituem a esperança pelo descrédito e frustração – marcas psicológicas que diminuem a auto-estima e comprometem o desenvolvimento humano e social de parte da sociedade.

Parte considerável dos estudos sobre pobreza e exclusão social objetivou descrever o fenômeno, colaboração indispensável para o conhecimento e criação de medidas de combate ou, modestamente, de alívio. Estudos, em parte, unidimensionais, focando, por exemplo, renda, dieta alimentar, entre outras, tendo como fonte de informação, em certa medida, dados secundários.

Atualmente há simpatia por programas de desenvolvimento que valorizem aspectos característicos da região e da sociedade local, primando pela participação direta da população no planejamento e coordenação dos projetos. Segundo Salama e Destremau (2001, p. 102), expondo idéias do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), os indivíduos devem se engajar nas lutas sociais, “(...) ativar suas capacidades para a construção de seus próprios direitos e orientar o crescimento no sentido de seus próprios interesses.”

Julgamos poder contribuir com os estudos sobre pobreza rural se tratarmos dos fatores que estão interagindo no campo das relações da sociedade local, valorizando a opinião dos participantes do processo, e, principalmente, focalizando nos aspectos comportamentais da coletividade. Debruçamo-nos em questões ambientais, econômicas, histórico-culturais, sociais, entre outras, privilegiando elementos que estão em jogo ao tratar de possibilidades de *desenvolvimento e emancipação*; possibilidades, conforme Sen (2000, p. 10), limitadas pelas oportunidades sociais, políticas e econômicas. Compreendemos, para fins deste trabalho, *desenvolvimento* como processo de ampliação das relações sociais, tanto no interior da sociedade local como com a sociedade abrangente (externa), permitindo, em algum grau, *reflexo* na condição de vida da população local. Inspirando-nos, em parte, nas contribuições de Hirschman (1996), percebemos *emancipação* na aquisição de *vida própria* dos avanços sociais, tornando-se, quiçá, irreversíveis e iniciando processos de difusão próprios mesmo cessando o crescimento econômico.

Localizando o leitor: Canguçu situa-se sobre a Serra do Sudeste, na Região Sul do Rio Grande do Sul (aproximadamente a 50 km de Pelotas e 300 km de Porto Alegre), uma das regiões com maior incidência de pobreza rural (apresentando indicadores econômicos e sociais abaixo da média estadual). Como características, a maior parte da população do município vive no meio rural em pequenas propriedades nas quais se destina a cultivar, principalmente, milho, feijão e, nos últimos anos (em expansão), o fumo. A população predominante é de descendentes de portugueses miscigenados com o espanhol, o índio e o negro, os que se autodenominam *brasileiros* (identificados por outros grupos étnicos de *pêlo-duro*), mas também encontramos descendentes de imigrantes alemães e de italianos, entre outras etnias de menor representatividade.

A população canguçuense tem na sua raiz a herança genética e cultural dos primeiros habitantes rio-grandenses e sua história é marcada por acontecimentos ligados às disputas pelo território entre portugueses

e espanhóis. Inicialmente a Serra do Sudeste era região de índios, de passagem de militares e comerciantes de gado que seguiam de Rio Grande ou de Pelotas para Rio Pardo e Santa Maria, e vice-versa. Abrigou estâncias de criação de gado (sesmarias), foi nos seus campos e coxilhas que também se formou o tipo social *gaúcho*. Das antigas estâncias de criação de gado pouco sobrou, boa parte foi desmembrada para comercialização, herança ou doação, transformando-se, com o passar dos anos, em pequenas propriedades rurais. A localidade de Rincão dos Marques é herança desse passado que ainda permanece nos hábitos e costumes dos moradores, olhares atentos ainda identificam marcas do passado no modo de vida das pessoas.

Rincão dos Marques tem origem nas estâncias de criação de gado (sesmarias), cujos proprietários tinham o sobrenome Marques. Nos dias atuais caracteriza-se por propriedades rurais de criação de gado e de pequenas lavouras (milho, feijão e fumo). Pessoas simples e de boa conversa, mas trazem nos olhos o sofrimento de uma vida de dificuldades. Sociedade sem liderança, sem união e, em certa medida, resignada, aspectos observados logo nos primeiros contatos com as pessoas. De modo geral a região enfrenta dificuldades para firmar um processo de desenvolvimento consistente, que traga contribuições para a melhoria das condições de vida e para a auto-estima da população local.

Ressaltamos por fim que este trabalho é fruto de um intenso estudo que compreendeu, basicamente, dois momentos: a pesquisa bibliográfica e de dados secundários e a pesquisa de campo com entrevistas abertas e observações sobre as pessoas e suas relações com o meio ambiente e com as instituições com quem entraram em contato. O trabalho de campo foi realizado ao longo do período que se iniciou em abril de 2001 e findou em dezembro de 2004, com incursões para simples observação e outras que objetivaram um contato mais próximo, em que entrevistamos e convivemos com a sociedade de Rincão dos Marques, estreitando laços de amizade e afetividade.

O Local do Empírico: Rincão dos Marques

Da cidade de Canguçu até Rincão dos Marques são aproximadamente 40 km de estrada de chão (terra) passando por várias localidades. No início do trajeto as casas são mais próximas umas das outras, as lavouras são mais freqüentes (milho, feijão e fumo), o movimento de pedestres, de carroças e de carros é mais intenso, os galpões e estufas de secagem do fumo, sempre próximos das residências, são facilmente visualizados. Com o distanciamento da cidade essa paisagem vai lentamente se transformando, o intervalo entre as casas aumenta, fica mais difícil, a cada sobe-e-desce das coxilhas, avistar pessoas, as lavouras escasseiam e diminuem de tamanho; nessa rarefação de civilização, os campos, os matos e algumas poucas cabeças de gado dominam o espaço.

Na localidade encontramos alguns poucos estabelecimentos de comércio, uma pequena igreja católica e uma escola municipal de Ensino Fundamental. As casas no Rincão dos Marques são, em sua maioria, de tijolos expostos (sem reboco), mas encontramos algumas de pau-a-pique. Observamos, no geral, que a localidade enfrenta dificuldades de abastecimento de água e energia elétrica e precária condição de saneamento básico.

Segundo depoimento dos moradores da localidade, no Rincão dos Marques predomina a agricultura familiar tradicional, com lavouras de milho e feijão em estabelecimentos de 15 a 20 hectares. Lavouras pequenas e de pouca produtividade, além do milho e feijão alcançarem baixo valor comercial. Nos estabelecimentos que se dedicam à pecuária os rebanhos são pequenos, média de 15 cabeças de gado e algumas poucas ovelhas e porcos para o consumo da família.³

Como as atividades produtivas são desempenhadas para o autoconsumo familiar, a renda monetária, muitas vezes, vem das aposentadorias e pensões rurais. No ano de 2003 as empresas de tabaco

³Característica da denominada “pecuária familiar”.

começaram a incentivar os agricultores a plantar fumo, oferecendo assistência técnica, financiamento e garantia de compra. A introdução do fumo, tanto no Rincão dos Marques como em outras localidades, pode levar à redução das áreas de lavouras destinadas à subsistência das famílias, principalmente pelo apelo financeiro e pelas restrições de áreas cultiváveis.

O tempo e a vida no Rincão dos Marques parecem estáticos. No alto de uma coxilha paramos por alguns minutos a contemplar e a escutar a natureza – sensação de solidão, talvez a mesma vivenciada pelos primeiros gaúchos, interrompida pelo vento e pelo canto dos pássaros. Sentimentos e percepções produzidos pelo meio físico e social num processo contínuo ao longo de gerações, incorporados à característica de personalidade da sociedade local. Sobre a paisagem, pequenas aglomerações de árvores e arbustos intermeadas por campos, poucas lavouras e algumas cabeças de gado, o homem pouco interfere na natureza.

No contato com a população de Rincão dos Marques pudemos conhecer as características dessa sociedade, relacionar com os limites e potencialidades presentes no dia-a-dia e na história das famílias. Rincão dos Marques enfrenta dificuldades para firmar um processo de desenvolvimento consistente, que traga contribuições para a melhoria das condições de vida e para a auto-estima da população local.

Aprofundando o estudo, observamos que algumas palavras aparecem com frequência nos depoimentos dos entrevistados. Para descrever a atual situação social e econômica os moradores empregam a palavra *difícil*. A explicação para as dificuldades relacionadas à vida social e econômica vem acompanhada por algumas palavras-chave, que dividimos em dois grupos. Quando se referem aos moradores, empregam termos como: *acomodação, desânimo, desconfiança, desentendimento, desunião, individualismo, irresponsabilidade, submissão*. Os entrevistados, ao reconhecer participação na condição atual da sociedade (aspectos negativos), empregam a terceira pessoa do plural – *eles*, eximindo-se da responsabilidade.

No outro grupo estão as palavras utilizadas para descrever a relação do poder público com a localidade, por exemplo: *abandono*, *descaso*, *desinteresse*. O governo, para os agricultores, não emprega política adequada para que aqueles que estão em situação complicada tenham oportunidade de melhor estruturar seus meios de produção, com financiamentos para a aquisição de insumos e equipamentos para a atividade agrícola. Segundo os agricultores, o poder público não dispensa atenção necessária aos que precisam de apoio. Conversamos com uma família de agricultores – que enfrenta dificuldade para assegurar sua reprodução – sobre as políticas públicas que os governos, das três instâncias, disponibilizam para a agricultura familiar. O chefe da família, na sua humildade, responde quando perguntado sobre o acesso ao Pronaf: “Pra ti vê! Para a pessoa pobre tudo é difícil, é complicado. Os que ficam nem precisam, e os que bem precisam é os que nem ficam!”⁴

No nosso entendimento, o comportamento conformista, marca dos entrevistados, tem raiz no processo histórico de formação da região. Rincão dos Marques originou-se das primeiras sesmarias – estâncias de criação de gado – do período colonial, quando o gaúcho começou a ser forjado no processo de miscigenação entre sul-americanos (índios), europeus (portugueses e espanhóis) e africanos (negros). Nesse período e nos subseqüentes, a economia regional tinha na pecuária a principal atividade produtiva, inicialmente para extração do couro e, posteriormente, da carne (para as charqueadas e, com os anos, para os frigoríficos), características compartilhadas por Canguçu como economia dependente de Pelotas (principal pólo charqueador). O sistema produtivo caracterizava-se pela criação extensiva de gado, atividade cíclica, alternando períodos de uso intensivo de mão-de-obra com outros menos exigentes. Essa atividade dava-se num contexto de (quase) isolamento, as características físicas da região dos pampas facilitavam a solidão e a melancolia. Para livrar-se desse interior amargo, o gaúcho – vivente dos pampas –

⁴ Benedito, 59 anos – agricultor.

buscava na construção de uma outra personalidade – alegre e espaçosa – reduzir os efeitos da vida solitária nos campos rio-grandenses. Nos momentos de descanso, nos intervalos da *lida* de campo, os gaúchos reuniam-se à beira do fogo de chão para saborear o churrasco e o chimarrão, num ambiente descontraído. Parte das características da vida desses gaúchos está presente, ainda hoje, na personalidade e na atividade produtiva dos habitantes de Rincão dos Marques. Essas características, de um modo de vida reificado, passam a ser interpretadas como desprezíveis e indignas de uma sociedade, assumem o caráter de comodismo, interpretadas e definidas negativamente, inicialmente, por grupos rivais e, posteriormente, incorporadas pelos detentores das características.

Processo de desenvolvimento do Rincão dos Marques: percepções de resignações

Rincão dos Marques é uma localidade, segundo caracterização de um morador, de agricultores familiares *tradicionais*, e logo complementa: “os agricultores, na sua maioria, se caracterizam pela condição de pobreza.” Questionado sobre o que entendia por agricultores familiares tradicionais, respondeu: “Os que as lavouras são pequenas (...) planta milho e feijão. O milho para alimentar os animais e o feijão para o gasto da família, mas também vende um pouquinho.”⁵ Declaração que se assemelha à definição de agricultura tradicional de Mellor (1966) apud Galbraith (1979, p. 66): “Uma agricultura tradicional tende a ser dominada por uma atitude que põe ênfase na sobrevivência e manutenção das condições, ao invés do seu progresso e aperfeiçoamento.” Para o autor, o risco ligado à inovação e a possibilidade de um resultado frustrado por erro na inovação estimulam essa atitude.

O modo de vida atual dos agricultores de Rincão dos Marques reflete experiências e comportamentos herdados do passado, pelos relatos e pelas condições de vida, marcas presentes na psique dessas pessoas.

⁵ Alfredo, 43 anos – agricultor.

A cautela quanto a conseqüências negativas de uma mudança na forma de promover a reprodução social da família pode ser interpretada, tanto pela sociedade interna como externa à localidade, como comportamento de “acomodação”. Perguntamos ao senhor Plínio⁶ sobre os motivos de os agricultores plantarem durante anos milho e feijão e de não terem incorporado nenhum novo produto: “Nesse sentido é acomodado! Acho que tem é medo dos financiamentos, se vai financiar para plantar o cara termina, se tem uma propriedade termina dando ela para o município ou para o Estado, o que seja...”. A mesma pergunta foi feita ao senhor Arlindo,⁷ residente na cidade de Canguçu: “As pessoas, devido à origem, não demonstram muita iniciativa e parece que bastante acomodação em desenvolverem. (...) Então tem esse perfil de pessoas mais acomodadas.”

A acomodação da sociedade de Rincão dos Marques, se assim podemos dizer, está alcançando um estágio avançado, com a recusa em tentar mudar o destino, o que pode ser, para eles, impossível. Preferem a resignação ao fracasso, como no depoimento do senhor Nelson: “A gente como é pobre, como diz o outro, se conforma com a pobreza, não pensa em melhorar muita coisa a não ser em a gente poder produzir e vender as coisas que produz e fazer dinheiro para sobreviver.”⁸ As pessoas de Rincão dos Marques, com algumas exceções, julgam-se incapazes de lutar para mudar a realidade da localidade, estão desmotivadas e conformadas. Segundo os moradores, a saída está na intervenção direta do Estado na localidade, promovendo mudanças em diversos aspectos. Não está explícito, mas deixam transparecer a angústia pela necessidade de um tutor para guiá-los para fora desse círculo vicioso no qual se sentem presos.

Nesta seção fizemos o esforço de conhecer e entender os motivos que levam a esse comportamento conformista, em que as forças se esvaem diante das dificuldades impostas pelo meio, este resultado da construção

⁶ 67 anos – agricultor.

⁷ Representante do poder municipal.

⁸ 59 anos – agricultor.

social. Para estudar a sociedade de Rincão dos Marques, procuramos pelas formas simbólicas – palavras, imagens, instituições, comportamentos – a partir dos quais, conforme Geertz (1997, p. 90), “(...) as pessoas realmente se representam para si mesmas e para os outros.”

Personalidade coletiva: rápida aproximação com Norbert Elias

A sociedade compreende elementos complexos e mutáveis. Conhecer o processo de desenvolvimento de uma sociedade pressupõe estudar pessoas interdependentes, uma configuração.⁹ A perspectiva de Elias (1994) sobre a questão *indivíduo e sociedade* é importante para dar dimensão à personalidade coletiva de um grupo de pessoas, *a sociedade dos indivíduos*, algo maior e diferente de uma coleção de seres humanos isolados. As pessoas estão ligadas entre si por laços invisíveis (sejam de trabalho e propriedade, sejam de instintos e afetos), uma rede de dependência incorporada ao caráter pessoal. Segundo o autor, a criança alcança o pleno desenvolvimento psicológico em relação com outros seres humanos, aprende a fala articulada, desenvolve um tipo específico de sagacidade e controle dos instintos, influências e conhecimento que dependem da estrutura do grupo em que ela cresce, incorporando caráter específico dessa sociedade, mas também contribuindo para o seu próprio processo formador. Para Elias (1994), o comportamento dos indivíduos é determinado por suas relações passadas ou presentes com outras pessoas, salientando a importância das relações entre as pessoas para a composição do indivíduo. Ou seja, o indivíduo nasce num grupo de pessoas que existia antes dele e depende delas para poder crescer, herdando conhecimento.

⁹ Conforme Elias (1999, p. 15-16), as pessoas estão unidas umas às outras de diversas maneiras, constituindo teias de interdependência ou configurações, como famílias e grupos operacionais, universidades e fábricas, cidades e aldeias, estados e classes.

Somente na relação com outros seres humanos é que a criatura impulsiva e desamparada que vem ao mundo se transforma na pessoa psicologicamente desenvolvida que tem o caráter de um indivíduo e merece o nome de ser humano adulto. (...) Somente na companhia de outras pessoas mais velhas é que, pouco a pouco, desenvolve um tipo específico de sagacidade e controle dos instintos (1994, p. 27).

O indivíduo reflete parte das características comuns à sociedade a que pertence, num processo permanente de aquisição, processamento e produção de informações que serão incorporadas ou não à personalidade (individual e coletiva). Processo constante de formação da personalidade e pela peculiaridade dos fatores envolvidos no desenvolvimento confere caráter específico à determinada sociedade.

Heranças de um passado longínquo: o dilema agricultor-pecuarista

No período colonial, a região da Campanha rio-grandense foi o berço territorial do gaúcho brasileiro: fruto da miscigenação de raças, das tradições culturais, do meio ambiente, do sistema econômico e de vários outros fatores – relação do homem com o homem e deste com a natureza. Dessas relações surgiu a personalidade do gaúcho, forjada pela aspereza da vida em meio à imensidão dos campos – de gado xucro e de batalhas. Personalidade identificada por qualidades depreciativas, relacionadas ao modo de vida, reconhecidas como sinônimo de aventureiro, vagabundo, preguiçoso, e assim por diante. Resgatando Oliveira Vianna, Goulart (1985, p. 29) afirma que o rio-grandense (gaúcho) não tem o aspecto humilde, desconfiado e gregário das populações do centro do país. Para o autor, o gaúcho “(...) é mais ativo, mais independente, mais individualista.” Se pensarmos no gaúcho montado no seu cavalo, essas características afirmadas por Goulart tomam formas mais claras. Instrumento e companheiro de trabalho, o cavalo possibilita a mobilidade do homem à cus-

ta da queima de energia do próprio animal, ao gaúcho cabe a cômoda tarefa de comandá-lo. Apeado, a mobilidade transforma-se em sedentarismo, logo interpretado como vagabundagem, preguiça, acomodação, ociosidade. Montado ou apeado, dois momentos, duas interpretações: uma para enaltecer e outra para desqualificar.

Freitas (1980, p. 51-52) lembra das condições de trabalho do peão gaúcho e da falta de consciência dos seus interesses, formando uma “(...) classe extremamente débil, impotente para esboçar qualquer luta pelos seus interesses.” A pecuária extensiva, nos moldes tradicionais, era e é um sistema de produção que oscila entre períodos de pesadas jornadas de trabalho com outros leves,¹⁰ permitindo conclusões como as destacadas no parágrafo anterior. Além disso, como observado por este autor, era uma classe pouco numerosa e dispersa, dificultando a união e a luta contra os estigmas que a sociedade *estrábica* impunha a essa classe.¹¹

Estamos em busca de contribuições que possam auxiliar no entendimento da forma como a sociedade de Rincão dos Marques se porta diante da realidade. Goulart (1985) salienta os obstáculos que o meio (natureza) impõe ao processo de ocupação do espaço, traçando um paralelo entre os estancieiros, localizados nas zonas de campos, e os agricultores, nas regiões de florestas. Como o autor destaca, o trabalho nos campos era para braços menos enérgicos e espíritos menos corajosos, contrastando com a luta contra a natureza selvagem das florestas. De alguma forma essa relação com o meio foi transferida para outras instâncias do viver, diferenciando o comportamento, ante as dificuldades, dos estancieiros e dos agricultores.

¹⁰ Freitas (1980, p. 50), transcrevendo passagem de Juan A. Alsina, destaca a pesada jornada de trabalho do peão gaúcho (13 a 14 horas na lida com o gado).

¹¹ A utilização da palavra “estrábica” foi para destacar o olhar da sociedade para questões pontuais de interesse, de caráter especulativo.

A pecuária ocupa áreas de relevos mais suaves, a relação homem-natureza é menos agressiva, não há luta, só conquista fácil, comparando com a mesma relação numa região de floresta; o homem luta, ataca, desbrava e domina a floresta – “(...) o indivíduo retempera-se, enrobustece e se acostuma a triunfar” (Idem, p. 25). No pampa a disputa por território está no âmbito homem-homem, rivalidade ocasional, passível de acordo, a questão produtiva ocupa posição secundária na escala de prioridades. A luta homem-natureza é contínua, não há diálogo, e as questões espaço e produção, no caso dos agricultores, são complementares e essenciais – fator de sobrevivência. Nos campos, depois da conquista do espaço, a vida pastoril apresenta-se com menor resistência, a carne, o leite e alguns pouco vegetais são suficientes para a subsistência.

Goulart (1985, p. 25) destaca: “Enquanto nas zonas pastoris o homem leva a vida menos afanosa, mais cômoda, a energia que o colono recebe dessa batalha incessante, travada contra o meio bruto, torna-o um ser independente, triunfante e forte ante a natureza submissa.” São relações distintas, meio ambiente capaz de produzir instintos diferentes no homem e que se perpetua à medida que a relação permanece. No agricultor, a luta pela domesticação da natureza traz reflexo positivo e constante à psique, elevando a auto-estima e estimulando novas conquistas. Nas áreas de floresta as glebas são menores, as famílias numerosas, e a comunicação facilitada, comparando com as zonas de campanha. A atmosfera social é mais densa, as relações mais estreitas, proporcionando um processo permanente de troca de estímulos, revitalizando e perpetuando o espírito de luta.¹²

¹² Temos como pano de fundo a noção de indivíduos interdependentes de Elias (1994; 1999).

Na campanha as relações sociais eram mais distantes, restringindo a coesão ao grupo familiar, este incorporando os agregados,¹³ ligados aos patrões pelos vínculos afetivos da vida pastoril.¹⁴ As estâncias eram ligadas umas às outras, organizadas na garantia do patrimônio diante das ameaças presentes na campanha rio-grandense, visando somente ao bem dos grandes proprietários e não como Goulart (1985, p. 28) afirma: “um ideal superior, colocando, acima de tudo, a grandeza geral,” mas, conforme Freitas (1980, p. 52), usando da humildade e generosidade dos peões para reforçar o poder dos dominadores – estancieiros.

O pastor e o agricultor exercem atividades distintas, produzindo, na relação homem-natureza, concepções e estímulos psíquicos diferentes. O pastor tem como função conduzir e vigiar os animais, atividade que pouco interfere no meio, relação passiva, principalmente após o cercamento dos campos, em que a natureza, com seus estímulos, determina o ciclo reprodutivo. Na relação homem-natureza, o ser humano absorve e internaliza parte das experiências vividas nessa relação incorporando à sua personalidade elementos característicos. Aos olhos dos mesmos e dos pares não há recusa ou desaprovação, pertencem ao mesmo grupo e ao mesmo modo de vida, são aptos a desempenhar determinada função – lida com o gado – em outras atividades perdem a naturalidade e o dinamismo, as heranças culturais e as experiências de vida não dão conta dos instrumentais técnicos e psicológicos para desempenhar outra função, outro modo de vida. Aos olhos dos de fora, de outros grupos, podem ser vistos com desaprovação (incapacitação); identificados por estigmas desabonadores, ou avaliados superficialmente e tendenciosamente (desqualificando).

¹³ Segundo Goulart (1985), nas estâncias de criação de gado, a relação entre patrão e empregado tinha muito do caráter da vida patriarcal. Ver também Franco (1976).

¹⁴ A proximidade entre patrão e empregado, a amizade fraterna, talvez tivesse por detrás a necessidade do estancieiro em assegurar seu patrimônio (terra e animais) e reduzir custos com mão-de-obra, agregando famílias e peões e garantindo, assim, vigilância e zelo aos seus bens. Na região da campanha, no período colonial, eram comuns os roubos e os ataques às estâncias, em virtude do clima permanente de conflito, obrigando os estancieiros a constituírem pequenos exércitos particulares.

O agricultor tem uma relação diferente com a natureza, luta por espaço com a floresta, domestica as plantas e escolhe, de acordo com os estímulos da natureza (estação do ano, etc.), o que cultivar. Na atividade agrícola o homem interfere de forma incisiva na natureza, transformando, mudando as características originais. A ação sobre a natureza produz efeitos na personalidade do homem, capacitando-o como agente transformador, dinâmico. O ciclo natural das plantas ajuda na percepção do homem sobre sua ação na natureza, pois geralmente são curtos, mostrando os resultados em pouco tempo, distinto do ciclo dos animais (gado bovino). A distinção no tempo dos ciclos reprodutivos entre a atividade de criação e de cultivo, e a própria percepção do homem sobre o tempo, criam elementos que serão incorporados à personalidade. Por exemplo, o tempo mais alongado da atividade reprodutiva dos animais (no caso do gado bovino), em comparação à atividade agrícola, imputa ao homem maior tempo de espera, contemplação, transfigurando, aos olhos de outros, acomodação, vagabundagem, entre outras qualidades.¹⁵

A sociedade de Rincão dos Marques, de passado pastoril, vivencia um processo de transição, arcando com o ônus do conflito interno (na psique) entre o passado (herança cultural) e o presente (condições socioeconômicas). Abre mão de costumes do passado e tenta incorporar elementos de um novo estilo de vida, não é mais pecuarista/peão e também não é agricultor/colono, mas, na nossa opinião, algo perdido em meio a esses dois tipos sociais, denominado, pelos pesquisadores, de *pecuarista familiar*. O meio (físico, econômico e social) em que essa sociedade está inserida restringe as suas conexões com o exterior e no próprio interior (relações que os indivíduos têm uns com os outros), retardando ou reduzindo a velocidade do processo de mudança pela limitação das suas possibilidades.

¹⁵ As pessoas constituem teias de interdependência, conforme Elias (1999). São relacionais e constituem suas estruturas psíquicas (em constante transformação) pelas trocas de informação, estímulos, afetividades, etc. – influenciadas e influenciando.

À primeira vista, e pelo desenvolvimento do processo histórico de transformação, a sociedade de Rincão dos Marques tem pouco nítido o caminho a percorrer, sabe que está se movimentando em direção ao agricultor, vemos isso no discurso, nas preocupações.¹⁶ Angustiado pelo pensar no trilhar solitário (necessitando guia) caminhos desconhecidos (medo do novo), achando-se incapaz de seguir em frente (baixa auto-estima), a comunidade espera pacientemente (resignação) por uma força externa (política pública, iniciativa privada – tutor).

Auto-estima: algumas questões a salientar

A crítica e a autocrítica são elementos relevantes ao bem-estar do indivíduo ou da sociedade, percepção dos outros sobre si e de si sobre si mesmo. A opinião dos outros pode construir ou destruir imagens, tem força para destabilizar a harmonia de uma sociedade ou fazer aflorar inquietações pessoais, principalmente quando há uma relação desigual ou sentimento de inferioridade. Nestes casos a parte frágil da relação corresponde à pessoa ou grupo social com menor poder.¹⁷ À medida que um lado da relação é mais dependente do que o outro, o menos dependente tem poder sobre o mais dependente, poder pela utilização da força bruta ou pela necessidade de ser amado, de dinheiro, de cura, de estatuto, de uma carreira profissional ou simplesmente de estímulo. Para Elias (1999), um lado só tem poder sobre o outro se este lhe atribuir qualquer tipo de valor, caso contrário, perde o seu poder. No caso da crítica, esta só é capaz de causar algum efeito se partir de uma pessoa ou grupo social que seja reconhecido pela parte à qual foi direcionada a crítica.

¹⁶ Nas conversas com os moradores de Rincão dos Marques, mesmo com os pequenos criadores de gado, a cobrança sobre o poder público era sempre nas questões referentes à atividade agrícola propriamente dita, não esboçaram demanda sobre ações de incentivo à atividade de criação.

¹⁷ Elias (1999, p. 80) destaca que o “poder” constitui um elemento integral de todas as relações humanas. Seguindo essa argumentação, o autor ressalta que devemos ter presente que o equilíbrio de poder está no centro das relações bilaterais e, na maioria dos casos, multilaterais – relações cotidianas.

Numa conversa entre duas pessoas, uma forma simples de relação humana, há trocas de idéias, de informações, que podem ser aceitas ou não; caso aceitas, alguma coisa passa de uma para a outra. As idéias de um penetram no diálogo interno do outro, impulsionando seus pensamentos, formando idéias que não existiam antes ou reafirmando as existentes. Nesse processo, continuamente são repensadas: percepções, emoções, juízos e ações, provocando comparações – autocrítica. Elias e Scotson (2000, p. 24), tratando da relação “estabelecidos e *outsiders*”, lembram que fixar um rótulo de “valor humano inferior” a um grupo é uma prática usada nas disputas de poder para manter a superioridade social. Segundo os autores, “(...) o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo.” A estigmatização é fruto das relações sociais, das críticas e autocríticas, tendo poder de invadir a consciência individual e coletiva, abatendo a auto-estima e reduzindo a possibilidade de reação, podendo chegar à situação de resignação.

A questão étnica também reflete-se na auto-estima, produção social da inferioridade ou superioridade de determinados grupos raciais, indicando estigmatização – preconceito intergrupual, dotando um deles de poder de lançar o outro no ostracismo.¹⁸ A sociedade de Rincão dos Marques incorporou a distinção racial. Com raízes étnicas na miscigenação entre portugueses, espanhol, índio e negro, sentem-se inferiores aos outros grupos, como alemães e italianos, os de *origem*.¹⁹ Observamos a distinção racial ao abordarmos a questão da união entre as pessoas para o desenvolvimento da localidade, quando o senhor Orlando,²⁰ em meio à

¹⁸ Ver Elias e Scotson (2000).

¹⁹ A palavra “origem” foi incorporada pela sociedade tanto da localidade de Rincão dos Marques como da cidade de Canguçu. Usam da questão étnica para explicar ou justificar o grau de desenvolvimento das famílias de agricultores ou das localidades, que também está presente no âmbito estadual (as metades Sul e Norte).

²⁰ 26 anos – agricultor.

conversa, destacou de forma natural: “(...) está mais para individualista esta região, não sei se é porque o pessoal não são de origem. (...) de origem alemã e italiana a gente vê muito isso daí!”²¹ Se reconhecem como seres racialmente inferiores e usam desse sentimento para justificar a condição social e econômica, reconhecimento imposto por outros grupos e incorporado ao longo dos anos na personalidade dessas pessoas. Como não têm *origem* definida não são dignos de qualidades morais de “seres superiores” como os outros grupos étnicos, são os pobres “brasileiros” destituídos do que há de bom.²² Autodenominam-se *brasileiros*, com raiz étnica portuguesa, negam ou omitem a indígena e a negra,²³ mesmo quando, na aparência, trazem traços da miscigenação com estas raças.²⁴ Talvez a denominação *brasileiro* venha da necessidade de se desvincular das heranças que julgam negativas, imputadas ou distorcidas pelos outros, as mesmas que carregava o gaúcho primitivo.²⁵

A dificuldade dos *brasileiros* de se desvincular dessa “marca” está na falta de coesão. Sem união não conseguem esboçar qualquer reação contra a estigmatização, não alcançam o reconhecimento como iguais aos outros grupos. A coesão é uma forma de poder, poder para lutar e revidar, mas sem ela aceitam sua inferioridade de poder como um sinal de inferioridade humana.

²¹ Referindo-se à união nas comunidades de agricultores de origem alemã e italiana.

²² Como postula Holanda (1995), os portugueses não tinham qualquer orgulho da raça, por serem, em parte, já no descobrimento do Brasil, um povo de mestiços. O mesmo pensam Freyre (1998) e Ornellas (1966).

²³ Num dos livros didáticos utilizados nas escolas do município observamos a exclusão dessas raças como formadoras da sociedade canguçuense – ver Bosenbecker (1987, p. 31).

²⁴ “(...) lá no Rincão dos Marques eles têm um aspecto de índio, mas não é tão característico” (Arlindo, representante do poder municipal).

²⁵ Como destacam Elias e Scotson (2000, p. 27), a estigmatização de *outsiders* exhibe traços comuns nas configurações de estabelecidos – *outsiders*, são vistos pelos estabelecidos como indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros. Algumas destas são atribuídas ao gaúcho do período colonial, e hoje algumas pequenas sociedades rurais ainda carregam o peso dos estigmas.

A condição social, o baixo padrão de vida, as necessidades não satisfeitas e a falta de esperança são aspectos que refletem na auto-estima, muitas vezes relacionados com a humilhação e a opressão dos estigmas, incapacitando, psicologicamente, as pessoas de tomar parte na vida da comunidade. A condição de não acesso ao bem-estar pode interferir na motivação de um grupo, as mudanças podem parecer impossíveis ou trabalhosas, remetendo à resignação.

A precária condição de vida pode levar ao desprezo por parte da sociedade, ou à sensação disso mesmo que efetivamente não exista. Das narrativas foi possível depreender o sentimento de menosprezo que a sociedade de Rincão dos Marques pressente por parte do poder público. Carência por atenção leva a declarações como: “(...) não somos importantes para os outros!”²⁶ Gostariam de ser valorizados, mas o descaso do poder público contribui com o desestímulo à motivação para desejar uma mudança da situação.

As narrativas coletadas referem a solidão e o isolamento, sentimentos que se transformam em medo,²⁷ principalmente quando o pensamento voa ou não há nenhuma atividade a realizar, restando o silêncio. A ocupação, o trabalho na lavoura, não é simplesmente a subsistência da família, mas uma companhia, uma terapia para espantar os pensamentos ruins.²⁸ Frustração, humilhação e opressão, relacionadas à condição de vida, influenciam o estado de espírito das pessoas, na forma de enfrentar o presente e o futuro, interferindo negativamente na auto-estima. A ausência do poder público pode sinalizar restrição ao acesso a serviços e à cidadania, sem “alguém” (Estado) para zelar pelo bem-estar da socieda-

²⁶ Alfredo, 43 anos – agricultor.

²⁷ Nas entrevistas observamos que a palavra “medo” só era empregada pelas mulheres e em conversas individuais ou quando os questionamentos passavam a figurar “mero bate-papo”.

²⁸ Nas décadas passadas, Canguçu tinha elevado índice de suicídios no meio rural. A solidão e as condições de vida podem estar entre os motivadores.

de,²⁹ representa, de certo modo, desprezo, acentuando a autopercepção de inferioridade humana assim como de isolamento. As transformações foram tantas do período colonial para o atual, mas a solidão dos destituídos parece continuar a mesma.

Questões que refletem na auto-estima, produzindo a humildade negativa, o auto-reconhecimento da incapacidade (inexiste) – autodesvalorização. Um exemplo: ao solicitarmos a opinião do senhor Quirino sobre determinado assunto, ele responde em tom baixo e pausadamente: “(...) vamos dizer que eu tenho pouco alcance para dar uma orientação, tem pessoas que tem mais alcance, mais memória, mais estudo. Eu não tenho estudo! Então vamos dizer que eu tenho pouco alcance para dizer o que falta.” Este comportamento não foi único, outras pessoas, ao final da entrevista, pediam desculpas pela qualidade dos depoimentos, responsabilizando a pouca instrução (analfabetismo).³⁰ O posicionamento diante do entrevistador, a forma de sentar, os gestos, o comportamento servil, denunciavam o sentimento de inferioridade, a baixa auto-estima, observado mais claramente nas famílias em condições precárias. Nestas famílias os entrevistados concentravam-se quase sempre num lado da cozinha ou sala, num canto de mesa, em posição defensiva; sentavam-se encolhidos e tensos, gesticulavam menos, e nos primeiros momentos mostravam-se tímidos e deixavam-nos escolher o local para sentar. Nas outras famílias, em condições melhores, o posicionamento era mais natural, por vezes em semicírculo, parecendo menos calculado, sentavam-se descontraídos, os gestos com os braços e as mãos eram mais intensos, e ao entrar na casa logo indicavam o lugar para o entrevistador sentar – eram determinados.

²⁹ Nas entrelinhas dos depoimentos a angústia pela falta de tutor, “alguém” para proteger e mostrar o caminho a seguir.

³⁰ As entrevistas eram muito boas, detalhadas, as pouco produtivas ou menos pormenorizadas foram mais freqüentes com pessoas com melhor grau de instrução (descaso).

Holanda (1995), ao tratar do *homem cordial*, lembra do uso acentuado, pelos brasileiros, dos diminutivos, salientando o emprego da terminação “inho” para aproximar, familiarizar, mais com as pessoas ou os objetos, de algum modo dando-lhes relevo. No Rincão dos Marques observamos o uso dos diminutivos, a utilização tanto da terminação “inho” como da “ito”, esta última influência da língua espanhola, ora referindo-se ao rebanho bovino como “gadinho” ora como “gadito”.³¹ No caso estudado, o uso do diminutivo era mais freqüente nas famílias que dispunham de menor patrimônio e comportamento mais humilde, em condições de vida precária. Durante as entrevistas, a utilização do diminutivo estava relacionada à questão da subsistência da família, por exemplo, “uma lavourinha de feijão pro gasto” ou “planto um feijãozinho pro gasto”, revelando que o entrevistado tentava destacar a sua condição social, de fragilidade, e despertar a compaixão. Outra observação, talvez exagero de nossa parte, o uso dos diminutivos era mais freqüente nas conversas informais (ao desligar o gravador) e no final de tarde, quando a iluminação solar perde intensidade. No início da pesquisa tínhamos o conhecimento do uso dos diminutivos, mas estávamos atentos à questão da herança espanhola no vocabulário da sociedade; aos poucos percebemos que a intensidade na utilização destes dava-se justamente nas últimas entrevistas do dia. Pensamos que poderia ser a nossa intervenção que provocava tal comportamento por parte dos entrevistados; reduzimos nossa intervenção (diminuindo o número de questionamentos e o tamanho das frases, excluindo o uso de diminutivos), mas continuávamos a observar o emprego do diminutivo. Na manhã subsequente íamos para a primeira entrevista do dia com esta questão na mente, e por duas vezes escolhemos famílias com características próximas às das últimas entrevistadas nos dias anteriores, constatamos que utilizavam o diminutivo, mas em menor intensidade e na maioria dos casos relacionados à questão produtiva (tamanho da lavoura e do rebanho; quantidades produzidas).

³¹ Sobre a influência espanhola no linguajar do gaúcho brasileiro ver Laytano (1981).

A análise desta questão leva a algumas interpretações relacionadas à auto-estima. O uso dos diminutivos nos ajuda a aproximarmos dos objetos, familiarizar, tal como Holanda (1995) observou, mas também pode levar a outras reflexões. Pareceu-nos que a aplicação dos diminutivos pelas pessoas não era um mero vício de locução, representava sentimentos e angústias que povoam a psique dos entrevistados, indicando sensação de inferioridade, carência afetiva, apego ao pouco que têm. A referência diminutiva ao universo próximo (pessoas, animais, objetos, etc.) pode sinalizar complexo psicológico, no sentido de que a autopercepção da inferioridade produz a necessidade de equiparar as coisas a sua volta à noção de dimensionamento determinada pela própria percepção. Se me sinto pequenino, menor que o normal (complexo), diante da realidade, isso pode trazer desconforto, angústia, e, talvez, a única solução ao meu alcance será reduzir (na psique) à minha proporção (escala dimensional), concebendo, psicologicamente, um outro meio mais harmonioso que o real, mas que também passa a ser real. Isto também pode estar vinculado a uma relação de submissão, aceitando uma situação de subordinação, subalternidade, vê-se limitado, restrito, impelindo ao complexo de inferioridade.

Voltando ao caso do uso mais freqüente dos diminutivos no período final do dia. As carências afetivas aumentam com a proximidade da noite, a fragilidade, a saudade, o desespero, são mais freqüentes ou mais intensos. Somos por natureza diurnos, a noite representa o desconhecido, uma ameaça à vida e aos bens, intensificando a necessidade de aproximação com as pessoas e objetos que são estimados (apego). Essa aproximação (psicológica) torna-se possível com o emprego dos diminutivos – alívio às angústias.

Questões que estão vinculadas à auto-estima do indivíduo, relacional e interdependente, e como o meio proporciona proximidades de sentimentos, a sociedade ou o grupo social é portador de características comuns entre as pessoas. A sociedade de Rincão dos Marques traz

marcas na sua personalidade, marcas construídas com a história, herança do passado, que estão em constante processo de transformação, agregando, a estas, experiências do presente. Destacamos alguns aspectos que nos chamaram a atenção, aspectos relacionados à auto-estima desta comunidade que de alguma forma produz efeito psicológico desaprovador, imputando certo espírito de conformismo diante do contexto social e econômico que vivenciam.

Acomodação diante da realidade pouco estimulante: sem forças e vontade para lutar

O senhor Quirino (69 anos), pacientemente, explica a *natureza* das pessoas de Rincão dos Marques:

O pessoal não é como em outras zonas que o pessoal é mais saídor, mais procurador. Aqui já não, o pessoal é meio parado, acomodado! (...) É a natureza do pessoal, se a natureza é praquilo, (...) não são pra saírem, procurar um recurso, então ficam meio parado. Se acham que é mais ou menos aquilo ali então ficam ali. Não querem se inquietar!

Jerônimo, apesar da idade, se adequou à condição de Rincão dos Marques e está *satisfeito*:

O pessoal é acomodado, acomodado até para trabalhar. Não é um pessoal que pegue muito assim. (...) Pega na hora boa de trabalhar, que não tem muito sol quente! (...) eles acham que está tudo bom, tudo bem e ficam ali. (...) Eu estou satisfeito! Tendo saúde está bom.³²

Guilhermina, na sua juventude, declara de forma incisiva e, de certo modo, inconformada:

³² 39 anos – comerciante e agricultor.

Tem muitas pessoas que pensam assim: plantam o que dá para sobreviver durante o ano e está bom! Não tem muita iniciativa, não pensam em crescer e ter condições melhores de vida.³³

Exemplos de declarações que caracterizam o comportamento da sociedade do Rincão dos Marques: em quase todas percebe-se a presença da palavra “acomodado”, despertando-nos para o aprofundamento da questão. A percepção da condição “acomodado” pode ter vindo de fora para dentro, como forma de estigmatizar o grupo. Herdeiros culturais do gaúcho primitivo, descendentes de estancieiros e de trabalhadores das estâncias (peões e agregados), tendo como ocupação o trato com o gado. Questão discutida no trabalho, argumentando sobre a produção de estigmas e das heranças do sistema de criação extensivo, de certa forma um modo de vida perpetuado pelos anos.

Pelo observado nas narrativas anteriores, podemos interpretar o uso da palavra “acomodado” como conformismo a uma situação com a qual não estão plenamente de acordo, utilizando-a para expressar uma característica pouco digna. Acomodados podemos estar por curto ou longo período de tempo, em padrão baixo, médio ou alto no que diz respeito à qualidade de vida, mas o *status* negativo de “acomodado” normalmente recai sobre os grupos sociais menos articulados, os que detêm menor parcela de poder.³⁴ De outro prisma, o estado ou a condição de “acomodado” pode ser resultado do auto-reconhecimento ou da constatação de outros, este último mais freqüente – ver defeitos ou qualidades depreciativas nos outros é mais fácil, agradável e, muitas vezes, mais conveniente que admiti-las em si próprio. A acomodação tem sentido lesivo quando se refere aos fracos ou inimigos, aos fortes e amigos pode configurar-se em estado de estabilidade (atribuída à condição financeira).

³³ 23 anos – agricultora.

³⁴ Poder, no sentido de Elias (1999), como detentor de valor, tenha importância para outro grupo ou sociedade por desempenhar alguma função relevante.

O senhor Francisco responde rápido e sem cerimônia a nossa provocação:

Acomodado estão os velhos que se aposentaram! Naquele tempo não existia aposentadoria, no tempo que me criei. Então os velhos se aposentam e param, trabalham só por esporte. Porque naquele tempo eles tinham que trabalhar até morrer senão morria de fome!³⁵

O senhor Arlindo “parece” que concorda com o senhor Francisco:

Com o êxodo rural que aconteceu em Canguçu nos últimos anos, existem poucos jovens no interior. Para ti ter uma idéia, em 52 mil habitantes nós temos 13 mil aposentados rurais, isso é um percentual alto. Existem muitas famílias que hoje praticamente não produzem quase nada porque tinha antigamente a questão da cesta básica, eram distribuídas mais de 5 mil cestas básicas e mais os aposentados. Então as pessoas já não têm essa iniciativa, não tinham essa vontade de trabalhar e nisso se enquadra o Rincão dos Marques, falta auto-estima para melhorar de vida, para melhorar suas condições. Então se acomodaram! (...) Quase todas as famílias têm um ou dois aposentados, os aposentados são que garantem o sustento das famílias, os filhos e netos acabam vivendo nas costas das pessoas aposentadas.³⁶

Rincão dos Marques, com base nos relatos, foi até a década de 70 uma localidade com vida social movimentada, comparada à atual. A evasão de parte dos moradores, principalmente jovens, transformou a estrutura etária, envelhecendo a população. Os depoimentos dos residentes podem ser divididos em dois grupos: os que justificam a acomodação como consequência do excesso do individualismo, desconfiança e falta de esperança, e os que alegam o envelhecimento da população.

³⁵ 65 anos – agricultor.

³⁶ Representante do poder municipal.

As narrativas coletadas falam da acomodação como resultado do êxodo e, conseqüentemente, do envelhecimento da população. Para os entrevistados, as pessoas que saíram da localidade eram aquelas que queriam melhorar de vida “(...) estavam procurando uma alternativa para poder crescer.”³⁷ Insatisfeitos com as condições de vida que a localidade (meio rural) oferecia, tomaram o rumo das cidades (Canguçu, Pelotas, Rio Grande e região metropolitana de Porto Alegre).³⁸ Eram as pessoas com capacidade de mudar, jovens e com atitude. Os que ficaram, os narradores, sentiam-se satisfeitos com a situação (resignados), apegados à família e à terra (bens materiais), não queriam e nem tinham ânimo para enfrentar o desconhecido. Para estes o espírito aventureiro, trazido no sangue dos conquistadores (Holanda, 1995), perdeu-se pelas gerações intermediárias, e a audácia, característica comum da personalidade do gaúcho primitivo, ficou sobre a garupa do cavalo e o horizonte reduziu-se diante de suas retinas. O apejar do cavalo, maneira figurada de nos referirmos ao processo de fracionamento das estâncias e da incorporação da agricultura como meio de subsistência, produziu mudanças na personalidade do gaúcho no sentido figurado e literal, este abordado por Vianna (1987) e Goulart (1985).

A permanência das famílias de maior faixa etária e provavelmente as que apresentavam piores condições de vida pode ser entendida como forma de autopercepção da fragilidade diante do desconhecido. O avançar da idade e a experiência de vida funcionam, psicologicamente, como indutores de cautela, restringindo as possibilidades de transformação significativa das condições de vida. Funcionam como indutores de aversão ao risco, por vezes entendidos como característica psicológica deprecia-

³⁷ Inácio, 71 anos – agricultor.

³⁸ A migração de boa parte da população pode ser interpretada como atitude plausível contra a pobreza. Para Thompson (1998, p. 206), contra a fome há alternativas além da migração, como rebeliões, petições em massa junto às autoridades, jejuns, sacrifícios e orações.

tiva – “acomodação” –, mas esquecem que, para grupos sociais frágeis, uma tomada de decisão equivocada pode render danos, materiais e psicológicos, irremediáveis.

Galbraith (1979) abordou a questão da acomodação do pobre rural em trabalho que teve por objetivo refletir sobre as causas da pobreza nas comunidades de atividade rural. Argumenta que o problema da pobreza rural está na aculturação – “na acomodação à cultura da pobreza.” A falta de aspiração, a ausência de esforço para escapar da condição de pobreza parecem entrar em conflito com um dos elementos do comportamento humano: a recusa de lutar contra o impossível. Esse comportamento é descrito pelo autor:

O povo que viveu durante séculos na pobreza, no relativo isolamento da aldeia rural, acaba aceitando essa existência. (...) O povo não luta, geração após geração, século após século, contra circunstâncias que são constituídas de forma a trazer-lhe a derrota. Ele as aceita, e essa aceitação não é sinal de fraqueza de caráter. É, antes, uma reação perfeitamente lógica. Considerando-se a enorme força dominante do equilíbrio de pobreza dentro do qual vive o povo, a acomodação é a solução ótima. A pobreza é cruel, mas uma luta incessante, constantemente frustrada, para fugir a essa pobreza, é ainda mais cruel. É mais natural, mais inteligente e mais plausível que o povo, com a experiência de séculos, se reconcilie com o que, durante tão longo tempo, tem sido o inevitável (Idem, p. 62).

Este excerto descreve a aceitação sem revolta dos sofrimentos da existência, a sociedade resigna-se diante dos obstáculos tidos, por ela, como intransponíveis. As religiões, segundo o autor, têm participação nesse modo de encarar a realidade, a recompensa espiritual aos resignados é generosa. No Rincão dos Marques o conformismo à condição de vida que desfrutavam não tem clara a conotação religiosa,³⁹ mais um pro-

³⁹ Apesar da aversão ao catolicismo, princípios morais com raiz nas doutrinas religiosas foram herdados e colocados em prática pela sociedade de Rincão dos Marques.

duto das condições sociais e econômicas que estão apresentadas. Não descartamos, entretanto, o refrigério que a fé traz ao interior das pessoas, e aliada a outros fatores venha a suscitar a resignação.

Thompson (1998), ao analisar os motins da fome, sinaliza para a passividade dos grupos sociais pobres, afirmando que as revoltas não são necessariamente prestigiadas na cultura dos pobres. Diante da discussão do autor, interpretamos que o comportamento passivo tenha como um dos condicionantes a *cautela* perante a possíveis reações indesejadas, de alguma forma, suscitando a condição de resignação. Qualquer mobilização de repulsa à condição de pobreza poderia inflamar a ira dos deuses ou indispor os governantes ou os ricos, dos primeiros a escassez já fora mandada como castigo e dos últimos viria a única possibilidade de auxílio. “Os motins são geralmente uma resposta racional, que não acontece entre indefesos ou sem esperança, mas entre aqueles grupos que se sentem com um pouco de poder (...)” (Idem, p. 207). Parece-nos que nos grupos mais pobres há o auto-reconhecimento da incapacidade reivindicatória, algo como um meio de controle social que trava ou anula qualquer possibilidade de reação contra a situação em que se encontram – não são dignos de compaixão. As condições dadas, conjunto de elementos que de alguma forma influem na auto-estima, exercem certa pressão psicológica reprimindo ações de repúdio à própria situação social. Pobreza, analfabetismo, etnia,⁴⁰ aliados ao distanciamento geográfico (localização periférica),⁴¹ produzem na psique dos possuidores dessas características o “menosprezar-se”, pensam que não têm direito a reivindicar, seu papel na sociedade é ínfimo.⁴² Em certa medida, a condição de meros

⁴⁰ Referimo-nos aos grupos étnicos discriminados, ditos inferiores.

⁴¹ No meio rural, a distância aos centros urbanos, a difícil comunicação, pode ensejar a condição de esquecidos, sem valor, sem importância, ... inexistentes.

⁴² Thompson (1998, p. 207-208) destaca que no noroeste da Inglaterra, região pastoril, entre 1590 e 1620, a população morria de fome silenciosamente sem criar problemas de ordem pública para os governantes. O autor ainda relata outras crises de fome em que a população, principalmente rural, morria “sem soltar uma queixa nem dar um sinal”.

subsistentes, impossibilitados de produzir excedentes, funciona como desvalorizadora do papel social, desqualificando-os como pessoas produtivas para a sociedade. Como afirma Thompson (1998, p. 208), porém, “(...) as evidências são contraditórias e difíceis de interpretar,” referindo-se ao comportamento das pessoas diante da fome.⁴³

Para Bertrand (1973, p. 376), acomodação, como meio de evitar o conflito, consiste em qualquer alteração, consciente ou inconsciente, de relações entre pessoas ou grupos de forma a evitar, reduzir ou eliminar o conflito. “Acomodação, como processo, se aplica integralmente aos ajustamentos que evitam ou minimizam o conflito bem como aqueles que extinguem conflitos existentes.” A sociedade de Rincão dos Marques possivelmente evite os conflitos extinguindo ou negligenciando as possíveis articulações que de alguma forma poderiam produzir atritos internos e externos. Nas entrevistas, quando tratamos da união das pessoas para alguma reivindicação, os depoimentos, por vezes, retratam formas de escape, de descomprometimento, com as causas comuns da localidade. No depoimento da senhora Lucia observamos, nas entrelinhas, que ao primeiro sinal de confronto entre pessoas da própria localidade ou com externas (poder público), os movimentos de desarticulação individuais e de grupo iniciam-se.

(...) a gente até tem na comunidade um grupo de agricultores, só que isso não vai para frente. Não funciona! (...) E eu acho que essa associação de agricultores seria uma coisa boa. Eles se unirem, pro-

⁴³ Thompson (1998, p. 20-21), na introdução de sua obra, dialoga com Gramsci sobre a questão da “filosofia espontânea”. Adiante discute a questão das “duas consciências teóricas” derivadas de dois aspectos da mesma realidade: a) “(...) a conformidade com o *status quo*, necessária para a sobrevivência, a necessidade de seguir a ordenação do mundo e de jogar de acordo com as regras (...);” b) “(...) o *senso comum*, derivado da experiência de exploração, dificuldades e repressão compartilhada com os companheiros de trabalho e os vizinhos (...)” Dois aspectos que poderiam ser explorados para tentarmos interpretar o comportamento dos pobres diante das dificuldades como o descrito por Galbraith (1979, p. 64-65): “Os que tinham mais necessidade de ajuda conservavam obstinadamente os seus métodos habituais de cultura agrícola ou faziam modificações muito lentas (...)”

curarem uma cooperativa, procurarem o sindicato. Isso não aconteceu! A maioria começa muito bem, muito incentivado, mas logo logo desanima.⁴⁴

Desanima, forma de expressar o desinteresse em dar prosseguimento às reivindicações que a sociedade local impõe à associação, as reivindicações podem trazer disputas de interesses internos, uns defendem uma posição, outros outra, ou a cobrança ao poder público pode render desentendimentos e, como destacamos anteriormente referenciando Thompson, indispor os governantes. Nas reuniões da sociedade local, de pouca participação, as pessoas debatem sobre os problemas, mas no momento que há divergências de idéias uma das partes desiste. Segundo o senhor Miguel: “Aceitar a idéia dos outros é difícil aqui! (...) um agricultor estava na reunião e deu a sua proposta, como não foi aceita de primeiro, ele pegou e saiu no meio da reunião.”⁴⁵ Este comportamento de fuga, descrito pelo agricultor, pode ser interpretado como uma forma de evitar, reduzir ou eliminar o conflito (Bertrand, 1973). Comportamentos dessa natureza não ajudam a organização efetiva para as lutas de interesse coletivo e a falta de um grupo (associação) estruturado e participativo pode não deixar outra alternativa à sociedade que não seja a resignação.

Considerações Finais

A pobreza corresponde a um fenômeno complexo de difícil entendimento, pelas relações e interesses que estão em jogo, por vezes ocultos. A sociedade, conscientemente ou não, afasta-se dos pobres como quem foge do contágio de uma doença. Aos pobres a distância, a periferia nos centros

⁴⁴ Representante do poder municipal residente na localidade de Rincão dos Marques.

⁴⁵ 59 anos – agricultor.

urbanos, os confins no meio rural, o terceiro mundo nas relações internacionais, esquecidos enquanto silenciosos, problema quando reclamam ou se tornam uma ameaça à tranquilidade dos “desenvolvidos”. Aos pobres sobram qualidades depreciativas; as boas, quando existem, são meras atribuições que servem como anestésicos para manter a harmonia da sociedade.

As políticas de combate à pobreza tomaram e tomam formas diversas, experiências positivas e negativas, que, apesar das boas intenções, continuam pouco eficazes, proporcionando a perpetuação do problema social. Atualmente prezam pela participação direta da sociedade envolvida no problema, mas parece que essa participação deve preservar os “bons costumes”, é pouco incisiva e nas condições que os governantes julgam satisfatórias. Qualquer mobilização social reivindicatória, que não agrade ao poder público e que possa inspirar insegurança na porção da sociedade mais favorecida (os não-pobres), pode ser identificada como algo desprezível e logo ligado às qualidades depreciativas que só os pobres detêm (desordeiros, vagabundos, etc.).

Nesta aproximação com a sociedade de Rincão dos Marques observamos algumas características da personalidade coletiva que podem frear o processo de desenvolvimento e, também, a maior participação das pessoas na busca por soluções aos problemas comuns. Essas características pouco saudáveis ao desenvolvimento são resultados da produção social, tanto da sociedade interna como externa à localidade. Os estigmas foram produzidos fora da sociedade, mas por força social (poder) levaram à incorporação pela sociedade, auto-reconhecendo qualidades de ser humano inferior. Processo de conversão de qualidades, transfigurando em qualidades depreciativas, por indução e conveniência dos detentores do poder – neste caso, a sociedade externa.

Para compreendermos, de forma mais abrangente, a dinâmica da sociedade de Rincão dos Marques, foi importante recorrer a diversas dimensões que estão em jogo: temporal, espacial e social. Neste trabalho aprofundamos umas e negligenciamos outras, mas uma questão, aos nos-

sos olhos, ficou mais clara: pobreza é um produto da sociedade. Para entender o que condiciona determinado grupo social à pobreza, precisamos conhecer a sociedade a que pertence, e para combater a pobreza são necessárias ações que envolvam tanto o público-alvo como a sociedade abrangente, porque está nesta a “habilidade” de construir ou destruir imagens, de levantar ou derrubar a auto-estima dos menos poderosos.

Referências

BERTRAND, Alvin Lee. *Sociologia rural: uma análise da vida rural contemporânea*. São Paulo: Editora Atlas, 1973.

BOSENBECKER, Laedi Bachini. *Conhecendo Canguçu*. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 1987. (Livro didático).

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa/Portugal: Editora Edições 70, 1999.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Editora Ática, 1976.

FREITAS, Décio. *O capitalismo pastoril*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA – FEE. *Alívio à pobreza: diagnóstico e conclusões*. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento/Secretaria de Estado da Coordenação e Planejamento/FEE, PróRural 2000, 1995.

GALBRAITH, John Kenneth. *A natureza da pobreza das massas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1979.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

GOULART, Jorge Salis. *A formação do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Martins Livreiro/Educs, 1985.

HIRSCHMAN, Albert O. *Auto-subversão – teorias consagradas em xeque*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAYTANO, Dante. *O linguajar do gaúcho brasileiro*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

ORNELLAS, Manoelito. *Máscaras e murais de minha terra*. Porto Alegre: Editora Livraria do Globo, 1966.

ROCHA, Sonia. *Pobreza no Brasil: afinal, de que se trata?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SALAMA, Pierre; DESTREMAU, Blandine. *O tamanho da pobreza: economia política da distribuição de renda*. Rio de Janeiro: Garamond. 2001.

SEN, Amartya Kumar. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil: o campeador rio-grandense*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1987.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. A questão social no contexto da globalização: o caso latino-americano e caribenho. In: BELFIORE-WANDERLEY, Mariângela; BÓGUS, Lucia; YAZBEK, Maria Carmelita (Orgs.). *Desigualdade e a questão social*. São Paulo: Editora Educ, 1997.